

CIRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ: ENFRENTAMENTO ÀS MÚLTIPLAS EXPRESSÕES DE VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

CÍRCULOS DE CONSTRUCCIÓN DE PAZ: ANTE LAS MÚLTIPLES EXPRESIONES DE VIOLENCIA EN EL CONTEXTO ESCOLAR

PEACE BUILDING CIRCLES: CONFRONTING THE MULTIPLE EXPRESSIONS OF VIOLENCE IN THE SCHOOL CONTEXT

Recebido em: 24/09/2021

Aceito em: 07/12/2021

Letícia Souza Brum¹
Simone Barros de Oliveira²
Maria Fernanda Avila Coffi³
Lavínia Moraes Streck⁴

Resumo: O trabalho apresenta a metodologia do processo circular denominados de círculos de construção de paz através da abordagem da Comunicação Não Violenta, como forma de resolução de conflitos no ambiente escolar. Além disso, reflete a necessidade de que as relações humanas em sociedade se deem na perspectiva colaborativa, com maior qualidade e humanização na convivência cotidiana dos sujeitos. Objetiva contribuir para o desenvolvimento de uma cultura de paz nos espaços escolares, oportunizando a diminuição de manifestações da violência em suas múltiplas faces, gêneros e idade.

Palavras-chave: Círculos de Construção de Paz; Violência; Comunicação Não Violenta; Ambiente Escolar.

Resumen: El trabajo presenta la metodología del proceso circular denominado círculos de construcción de paz a través del enfoque de Comunicación No Violenta, como vía de resolución de conflictos en el ámbito escolar. Además, refleja la necesidad de que las relaciones humanas en la sociedad se den en una perspectiva colaborativa, con mayor calidad y humanización en el cotidiano de los sujetos. Tiene como objetivo contribuir al desarrollo de una cultura de paz en los espacios escolares, brindando oportunidades para la reducción de las manifestaciones de violencia en sus múltiples rostros, géneros y edades.

Palabras clave: Círculos de Construcción de Paz; Violencia; comunicación no violenta; Ambiente escolar.

Abstract: The paper presents the methodology of the circular process called peace building circles through the Nonviolent Communication approach, as a way of resolving conflicts in the school environment. Moreover, it reflects the need for human relationships in society to take place in a collaborative perspective, with greater quality and humanization in the daily coexistence of subjects. It aims to contribute to the development of a culture of peace in school spaces, providing opportunities to reduce manifestations of violence in its multiple faces, genders, and age.

Keyword: Peacebuilding Circles; Violence; Nonviolent Communication; School Environment.

¹ Graduada em Serviço Social pela da Universidade Federal do Pampa, campus São Borja. E-mail: leticiabrumleticia@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8760-4373>

² Professora Associada da Universidade Federal do Pampa. Mestre, Doutora e Pós-doutora em Serviço Social, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS. E-mail: simoneoliveira@unipampa.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7314-3550>

³ Graduanda do curso de Serviço Social, pela Universidade Federal do Pampa, campus São Borja. E-mail: mariacoffi.aluno@unipampa.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6708-3459>

⁴ Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Pampa, campus São Borja. E-mail: laviniastreck@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3952-4309>

INTRODUÇÃO

A escola é um dos lugares com ampla identificação das manifestações de violência exteriorizadas no cotidiano dos alunos, materializada através de falas e ações, inclusive pelo próprio silêncio sobre as violências sofridas. Neste contexto, evidenciar as violências materializadas na realidade dos sujeitos e identificar as causas das violências reproduzidas no âmbito escolar é fundamental para a resolução de conflitos. E a comunicação não violenta oportuniza o diálogo coletivo e colaborativo entre crianças e adolescentes.

O trabalho resulta de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, e oportuniza reflexões e construção de estratégias para a educação, partindo da análise da realidade social, sob o prisma do entendimento homem/sociedade dando sentido a investigação da prática, viabilizando um modo de compreender os fatos para além do aparente. Neste contexto, é necessário sucessivas aproximações para chegar à essência da realidade em estudo, no sentido de “desenvolver, esclarecer, e modificar conceitos,” (GIL, 2007, p. 43).

O processo de construção do texto se deu na perspectiva dialética que compreende o movimento constante de superações de fenômenos; a totalidade, que integra a apreensão histórica, política e econômica, um todo articulado, possibilitando a apropriação do cotidiano; e a contradição, que remete a luta dos contrários e a partir deste instiga os processos de mudança na realidade social dos sujeitos em foco.

Além disso, propicia a compreensão do sujeito em sua totalidade, historicidade e contradições, possibilitando a apreensão de sua realidade. Tem-se na metodologia dos Círculos de construção de paz a possibilidade concreta de prevenção das violências recorrentes no ambiente escolar.

EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: DUAS FACES DE UM MESMO CONTEXTO

A política pública de educação, tem como objetivo atender as demandas da sociedade, e é de extrema importância para um maior desenvolvimento social. Deve ser uma política constantemente ampliada e consolidada para atender e alcançar a quem dela necessitar. A educação enquanto uma política pública tem sido a responsável pelo acesso à educação gratuita e de qualidade para muitas crianças, jovens e adultos, sendo uma realidade garantida na constituição federal de 1988.

A Constituição Federal de 1988, é marcada pela ideia do coletivo para garantir a democracia e ampliação dos direitos sociais, com intuito de atender particularidades de cada indivíduo. Afirmou a educação como um direito de todos e dever do Estado, sendo estabelecido

o ensino fundamental como etapa obrigatória da educação básica devendo-se então ter um padrão da qualidade de ensino. O texto constitucional de 1988, em seu artigo 208, institui a garantia da oferta do ensino fundamental gratuito a todos, estendendo-se inclusive a todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria. Tem-se em 1996, uma nova legislação que proporcionou importantes reflexões que é a Lei número 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Nesta, a educação básica é dividida em três etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio (SAVELI; TENREIRO, 2012).

Limitar uma mudança educacional radical as margens corretivas interesseiras do capital significam abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa. É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente (MÉSZÁROS, 2008, p. 27).

A educação racional deve realizar a mudança de romper com a lógica do sistema capitalista, que prepara indivíduos para seu uso fruto, ou seja, deve estar além de fornecer conhecimento para a expansão do capital. O ambiente escolar é o lugar da manifestação do sujeito com seu modo e sua condição de vida.

A escola mesmo sendo uma instituição burguesa que atende às necessidades colocadas pela dinâmica da sociedade produtora de mercadorias é uma instituição que, se não central para o processo de formação de classes revolucionárias, poderia vir a ser um espaço importante de socialização de conhecimento (SOUSA, 2010, p. 176).

É fato que a escola reúne os diferentes sujeitos de direitos com suas histórias de vida marcadas por experiências diversas cujos reflexos vão se manifestar nas relações cotidianas deste espaço de socialização e aprendizagem. A violência é um problema social que se configura na realidade, como prática recorrente, presente no cotidiano da sociedade e agravada pelo modo de produção capitalista. Porto explicita “não existe violência, no singular, mas violências, cujas raízes são múltiplas e cuja identificação é complexa [...]” (PORTO, 2010, p. 15).

Vislumbra-se, portanto, uma tentativa de conceituar essa em sua complexidade e particularidades. Em diversos casos explicita, como a violência estrutural, que ela se manifesta na desigualdade social, uma expressão da questão social na dialética da realidade social.

Além da sua forma mais visível e perceptível, a violência se expressa de várias formas, especificamente através das manifestações das relações de poder exteriorizadas na sociedade e

que se reproduzem de formas diversas no ambiente escolar. A exemplo da violência doméstica e/ou intrafamiliar. A violência física é a ação ou omissão que cause danos a integridade física do usuário. A violência psicológica constitui-se de qualquer ação ou omissão que degrada ou controla as ações, comportamentos, crenças e decisões através de intimidações, manipulações e ameaças diretas ou indiretas implicando assim, prejuízo ao desenvolvimento psicológico. Muitas dessas expressões de violência são marcadas pela violência institucional que é motivada pelas desigualdades sociais seja esta étnico-racial, de gênero, sexualidade, econômica entre muitas outras.

Nesse viés, trabalhar a violência manifestada pelos adolescentes é fundamental, visto que esta pode ser uma forma de denúncia do sujeito frente à sua realidade pessoal, também marcada por diversas violências. Dessa forma, fomentar a cultura de paz com vítimas e opressores, é uma forma de assegurar direitos e garantir a efetivação de sua cidadania.

A violência reproduzida diariamente no ambiente escolar é um processo recorrente entre os alunos em fase de adolescência, que se utilizam da violência física e/ou psicológica entre os usuários, como modo de resolver suas discordâncias. Segundo Luzardi (2003, p. 420 apud SCHMIDT, 2009, p. 11067) “toda a violência inibe o potencial de desenvolvimento do ser humano e impossibilita o exercício da sua plena cidadania” essa violência ocorrendo entre as crianças e os adolescentes não pode ser negligenciada, sobretudo no campo educacional.

Os crescentes índices de violência trazidos pelas estatísticas a cada ano são estarrecedores. São muitas as violências que acontecem no espaço escolar e o bullying destaca-se nesses locais, sendo difícil encontrar meios para sua prevenção e, portanto, constitui-se um desafio. Esses fatos evidenciam que o modo de vida atual do humano em sociedade, inserido em um contexto em que o capital perpassa as relações sociais, é de certa maneira tóxico e danoso na medida em que a violência torna-se algo banal. Assim, torna-se necessário recorrer a estratégias que sejam capazes de dar conta deste tipo de violência.

Diante desse contexto de violência banalizada, é importante que se busquem valores e formas alternativas não destrutivas de relacionamento em sociedade e uma resolução de conflitos não violenta, assim como propõem os círculos de construção de paz, herança dos povos ancestrais.

A Cultura de paz diz respeito ao desejo de um novo modelo para as relações sociais e consequentemente para as relações estruturais, uma vez que o atual cenário inserido em um contexto de cultura tradicional evidencia o quão destrutivo tornou-se a vida em sociedade. É perceptível que muitos desejam a transição para uma Cultura de Paz, entretanto as condições

objetivas do momento cerceiam esse processo, já que o sistema econômico e relacional não dá margem para que se enxergue o outro, pois compele à garantias individuais de sobrevivência e interesses.

A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA E OS CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ NAS ESCOLAS: POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO E PREVENÇÃO A VIOLENCIA

A Cultura de paz é um projeto de sociedade que se utiliza de diversos processos como meio para se chegar a ela. Os círculos de construção de paz estão no conjunto dos procedimentos para se alcançá-la. A origem dos círculos de construção de paz tem sua descendência ligada de forma bastante direta aos ancestrais indígenas norte-americanos. Esses realizavam e ainda realizam os Círculos de Diálogo, os quais consistem na realização da reunião dos membros tribais na formatação de uma roda, com o intuito de discutir questões relevantes para a comunidade. Tal ação faz parte das raízes tribais de grande parte dos povos. (PRANIS, 2010).

Os círculos de construção de paz iniciam nos Estados Unidos dentro da esfera da justiça restaurativa, em contextos de conflitos, se fazia a inclusão tanto da vítima de um crime quanto o ofensor e a comunidade. Essas partes estando em parceria com o poder judiciário determinavam conjuntamente a melhor forma de solucionar o conflito oriundo de algum crime ou delito, a fim de se gerar bem-estar e segurança de todos. A prática dos Círculos de construção de paz vem sendo utilizada por mais de trinta anos e é uma forma de reunir as pessoas de maneira que todos sejam respeitados; todos tenham igual oportunidade de falar sem interrupções ao explicar-se contando a sua história dentro de um preceito de igualdade e que acolhe aspectos emocionais das experiências individuais. (PRANIS, 2010)

A metodologia do círculo de construção de paz consiste em um encontro em que as pessoas se dispõem sentadas em roda, ao centro, coloca-se apenas algum objeto que tenha um significado comum ao grupo. O formato circular remete à “liderança partilhada, igualdade, conexão, inclusão e também promove foco, responsabilidade e participação de todos” (PRANIS, 2010, p. 25).

Nos círculos, utilizam-se elementos estruturais intencionais a fim de se gerar um espaço em que os participantes se sintam seguros para serem autênticos mesmo em situações de conflito, dano ou dificuldade. São eles: A cerimônia, o bastão de fala, o facilitador ou guardião, as orientações e o processo decisório consensual. (PRANIS, 2010). A cerimônia marca o início e o fechamento de um círculo como um espaço sagrado, buscando estabelecer um centramento

por parte dos participantes no sentido de que haja uma qualidade nas suas presenças dentro do círculo, diferenciando-se da presença dos encontros corriqueiros das atividades do cotidiano.

O bastão da fala ou também objeto da palavra, demarca a cada participante no momento que o detêm em mãos, a oportunidade de fala sem ser interrompido, assim como a oportunidade da escuta para os demais, viabilizando a expressão plena das emoções que causa uma escuta qualificada e um espaço seguro para falar verdades difíceis, e também ficar em silêncio se assim optar.

O facilitador ou guardião do círculo de construção de paz ajuda a criar um espaço coletivo em que os participantes se sintam seguros para expressarem-se. Ele orienta a qualidade do processo e estimula as reflexões através de perguntas ou pautas. O guardião não controla ou direciona as conclusões, mas pode intervir para garantia de uma interação grupal de qualidade.

As orientações consistem em compromissos que os participantes assumem entre si a fim de estabelecer condutas claras e mútuas que serão esperadas durante o processo e que ocasionará um ambiente respeitoso e seguro para todos. As decisões e acordos são adotadas por consenso do grupo.

Já o processo decisório consensual traz o compromisso de compreender as necessidades e interesses de todos. “Nem sempre o consenso é possível, mas é uma raridade não chegar a um consenso quando tenha sido alocado ao processo Circular tempo suficiente para a escuta integral de todos os pontos de vista” (PRANIS, 2010, p. 54)

Os cinco elementos estruturais supracitados facilitam a criação de um ambiente em que seja possível aos participantes darem o melhor de si na relação com os outros e estabelecerem vínculos profundos a partir da partilha de histórias pessoais, fortalecendo assim, a conexão entre si próprio e com os demais membros do círculo.

Existe, nos círculos de construção de paz, a junção da antiga sabedoria comunitária e o valor contemporâneo do respeito pelos dons, necessidades e diferenças individuais na medida em que (PRANIS, 2010): “respeita a presença e dignidade de cada participante, valoriza as contribuições de todos os participantes, salienta a conexão entre todas as coisas, oferece apoio para a expressão emocional e espiritual e dá voz igual para todos” (PRANIS, 2010, p. 18)

Segundo Furtado (2012, p. 11):

Esta metodologia pode ser associada ao Círculo de Cultura de Freire, em que o diálogo em círculo, em colaboração, permite a reelaboração do mundo, emergindo uma consciência crítica, onde os participantes introjetam, pela força catártica da metodologia, seus sentimentos, suas opiniões: de si, dos outros e do mundo. (FURTADO, 2012, p. 11)

De acordo com Watson e Pranis (2011), “o uso de círculos de construção de paz desenvolvem a inteligência emocional, promovem a cura e constroem relacionamentos saudáveis”. Os Círculos de Construção de Paz podem ser utilizados em situações em que duas ou mais pessoas:

Precisam tomar decisões conjuntas; discordam; precisam tratar de uma experiência que resultou em danos para alguém; querem trabalhar em conjunto como uma equipe, desejam celebrar; querem partilhar dificuldades; desejam aprender uns com os outros (PRANIS, 2010, p. 21)

A criadora dos Círculos de construção de paz afirma que para que haja uma cultura de paz, existe a exigência de mudanças profundas das compreensões, e para isso, os círculos são uma ferramenta prática para proporcionarem essas mudanças e sustenta-las. A autora aponta que na sociedade atual há um buraco no que se refere ao sentimento de pertença e o significado, o que segundo ela, são necessidades humanas profundas. No Círculo as diferenças emergem como conflitos e a Cultura de paz é necessária para equilibrar essas diferenças manifestadas. (PRANIS, 2010)

Pranis (2010) ressalta que quando os círculos de construção de paz são utilizados com o intuito de prevenção à violência, os resultados são muito positivos, uma vez que a prática permite a resolução de problemas comportamentais e de conflitos em um espaço em que há trocas de reflexão e experiência.

Nesse sentido, utiliza-se estratégia da Comunicação Não Violenta (CNV) nos processos circulares para prevenção e resolução de conflitos, no sentido que esse método comunicacional oportuniza um diálogo reflexivo a partir do reconhecimento das próprias responsabilidades e do entendimento sobre as necessidades de si e também de outrem.

Essa forma de comunicação foi desenvolvida por Marshal Rosenberg a fim de construir relações confiáveis e compassivas pelo viés do diálogo, da compreensão e da identificação com o outro. Nesse contexto, Marshal refere que

[...] A CNV se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas. Ela não tem nada de novo: tudo que foi integrado à CNV já era conhecido havia séculos. O objetivo é nos lembrar do que já sabemos - de como nós, humanos, deveríamos nos relacionar uns com os outros - e nos ajudar a viver de modo que se manifeste concretamente esse conhecimento (ROSENBERG, 2006, p. 21).

A aplicação da CNV juntamente com os processos circulares enriquece o processo de pacificação das relações sociais, na medida em que restaura a comunicação autêntica visando o reestabelecimento e fortalecimento de vínculos sociais, uma vez que se extinguem os rótulos de acusador e acusado e propõem-se a escuta, e o reconhecimento dos sentimentos e das necessidades de ambas as partes. Nesse sentido o autor explicita,

A CNV nos ajuda a reformular a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos os outros. Nossas palavras, em vez de serem reações repetitivas e automáticas, tornam-se respostas conscientes, firmemente baseadas na consciência do que estamos percebendo, sentindo e desejando (ROSENBERG, 2006, p. 21-22).

O caminho das práticas restaurativas e da não violência humaniza as relações sociais cotidianas, potencializa as conexões genuínas e previne futuros conflitos. Isto posto, estes mecanismos autocompositivos transformam o modo de comunicar e de se relacionar, e apontam para a consecução concreta de uma Cultura de Paz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma cultura de paz todos devem ter o sentimento de pertença e serem valorizados como são. O significado seria uma necessidade em relação à vida, o qual o ser humano está cada vez mais desconectado, uma vez que contemporaneamente, o ritmo é acelerado e automático, existem muitas distrações no materialismo que regem a existência humana e que nas quais não emerge a significação de que se necessita. A consequência dessa carência de significado é a de que as inquietudes internas vêm a tona por meio de conflitos com os outros.

Logo, os círculos de construção de paz são uma ferramenta para passar de uma sociedade de exclusão para uma de pertença e auxiliar no que tange a encontrar os aspectos da vida que mais importam. Uma cultura de paz também demanda da habilidade de acomodar a diferença no sentido em haja o encontro de valores comuns, e diante disso, perceber as diferenças como algo enriquecedor e não ameaçador, gerando interesse ao invés de temor. Nesta parte do texto onde se colocam as considerações finais ou conclusão, local onde as ideias possuem um desfecho ou são levadas para uma nova problemática. Esta parte do trabalho pretende apresentar as principais conclusões, destacando o progresso e as aplicações que a pesquisa ou experiência propicia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 set. 2019.

BRASIL. Lei nº 4024, de 20 de dezembro de 1961. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Texto definitivo, com índice remissivo e legislação respectiva: Ministério da Educação e Cultura/Conselho Federal de Educação, 3ª ed.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 25 set. 2019.

BOYES-WATSON, Carolyn; PRANIS, Kay. **No coração da esperança: guia de práticas circulares: o uso de círculos de construção da paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis**. Tradução de Fátima de Bastiani. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2011.

FURTADO, Flávia Vasato. **Círculo de construção da paz como alternativa de prevenção ao bullying**. Monografia apresentada como exigência parcial do curso de especialização em Psicologia- ênfase em saúde comunitária- UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Editora Boitempo, 2008.

PRANIS, Kay. **Processos circulares**. SP: Palas Athena, 2010.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Sociologia da violência** / Maria Stela Grossi Porto. Brasília: Verbana Editora, 2010.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação Não- Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. Marshall B. Rosenberg; [tradução Mário Vilela]. - São Paulo: Ágora, 2006.

SAVELI, Esméria de Lourdes; TENREIRO, Maria Odete Vieira. **A educação enquanto direito social: aspectos históricos e constitucionais**. Revista Teoria e Prática da Educação, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 51-57, mai./ago. 2012.

SCHMIDT, Denise Pasqual. **Violência como Expressão da Questão Social suas Manifestações e Enfrentamento no Espaço Escolar**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/248_288.pdf> Acesso em: 08 de Abril de 2017.

SOUSA, Junior Justino. **MARX, e a crítica da educação: da expansão liberal democrática à crise regressivo destrutiva do capital.** Aparecida: Editora Ideias e Letras, 2010.